



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Rhianne Felinto Amaral

São Patrício e o cristianismo  
na territorialização da Irlanda

Brasília

2018

Rhianne Felinto Amaral

São Patrício e o cristianismo  
na territorialização da Irlanda

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Departamento de  
História do Instituto de Ciências  
Humanas da Universidade de Brasília  
como requisito parcial para a obtenção  
do grau de bacharel em História.

Brasília

2018

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, por ser meu porto seguro e minha maior fonte de inspiração.

À meu filho, que me deu força para seguir em busca de um futuro melhor.

À meu esposo, que me apoiou, me levantou e me possibilitou seguir meus sonhos.

Aos meus sogros, cunhado e cunhadas, pela ajuda imprescindível nessa jornada.

À minha orientadora Dra. Cláudia Brochado, pelo suporte, correções e paciência.

À todos que direta ou indiretamente me ajudaram a concluir essa etapa.

## RESUMO

Patrício da Irlanda é um nome bastante conhecido dentro e fora do país em que é padroeiro. Considerado por muitos como o pai do cristianismo na Irlanda, a Patrício é atribuído inúmeros milagres e, mais importante, a missão de ter levado a religião cristã ao território irlandês, país esse que contava com um sistema político descentralizado e uma sociedade extremamente pagã. O presente trabalho tem como objetivo estudar a vida de Patrício e a expansão do cristianismo na Irlanda. Levando em consideração a realidade do século VI, com a crise do Império Romano do Ocidente, a movimentação dos grupos ditos germânicos e a expansão do cristianismo, a primeira parte do trabalho analisa os dois Patrícios, o santo e o histórico. Em seguida, apresenta as suas obras: Confissões e Carta aos soldados de Coroticus, mostrando sua vida como missionário e seu papel na cristianização do território irlandês.

**Palavras-Chave:** Patrício, Irlanda, cristianismo, Império Romano.

## **ABSTRACT**

Patrick of Ireland is a known name inside and outside the country that he is a patron. Considered by many the father of Christianity in Ireland, it is attribute to Patrick many miracles and, most important, the mission of have taken the Cristian religion to Irish territory, a country that had a politic system decentralized and a society extremely pagan. The present work have as object study the life of Patrick and the expansion of Christianity in Ireland. Taking in consideration the reality of sixth century, with the Roman Empire crisis, the slavery relations and the expansion of Christianity, this work begins with an analysis of the Ireland's Christianization, trying to distinguish the saint Patrick and the historic Patrick. The second part of the paper leans over the written works by Patrick: Confessions and Letter to Coroticus soldiers, showing his life as a missionary in Ireland and his role in the Christianization of the Irish territory.

**Keywords:** Patrick, Ireland, Christianity, Roman Empire.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	7
1. CAPÍTULO I: O mundo de Patrício -----	9
1.1 A cristianização da Irlanda -----	9
1.2 Patrício santo -----	13
1.3 Patrício histórico -----	15
2. CAPÍTULO II: Obras -----	21
2.1 Carta aos soldados de Coroticus -----	21
2.2 Confissões -----	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	28
REFERÊNCIAS -----	29
1. Bibliografia -----	29
2. Fontes primárias -----	30

## INTRODUÇÃO

Ao se estudar a Idade Média sempre devemos nos debruçar sobre o papel do cristianismo nas relações sociais, políticas e econômicas do período. A Cristandade é sinônimo de Ocidente e o cristianismo é parte essencial para se entender esses dez séculos de história, suas nuances e particularidades.

Com o enfraquecimento político, econômico e social do Império Romano do Ocidente e de suas instituições, a Igreja foi aos poucos adquirindo espaço no novo cenário do Ocidente. O advento do cristianismo e estabelecimento da Igreja como instituição e o papel determinante desta nas transformações políticas da região é de extrema importância para entendermos as relações sociais da Idade Média.

Para Jacques Le Goff esse período é melhor referenciado como Antiguidade Tardia, um período de “transição de longa duração onde começa a aparecer a Europa”<sup>1</sup>, a cristianização do Império Romano, no século IV, seria uma marca para essa transição, e principalmente a elaboração do essencial da doutrina cristã.

No século VI as cidades contavam com sólidas comunidades cristãs, porém o campo ainda era pouco influenciado pelo cristianismo. Essa fraca influência no campo era notada, segundo Mônica Amim, pelo número de paróquias nas zonas rurais. Para ela, as conquistas do Cristianismo nessas zonas rurais foram obras de monges missionários e não bispos, mesmo que esses últimos tivessem preocupação com a evangelização dessas zonas.<sup>2</sup>

A cristianização da Irlanda portanto, sendo no século VI um país sem grandes centros urbanos, com cultura mais pastoral, dividida em clãs que, normalmente, eram espalhados e isolados, coube aos monges missionários. A história de Patrício é parte fundamental para se entender a cristianização do território irlandês, e para Amim, foi o trabalho dele que fez com que a Igreja da Irlanda se tornasse tão poderosa e se organizasse de forma distinta de outras localidades, “em torno de mosteiros, que então exerciam toda a

---

<sup>1</sup> LE GOFF, Jacques. *As raízes Medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007. p.30.

<sup>2</sup> AMIM, Mônica. A Idade Média: um tempo de fazer cristão. *Revista CompArte*. Rio de Janeiro, Volume 01, Número 01, p. 116-142, Jan-Jun. 2017. p.129.

autoridade espiritual nas zonas rurais, já que eram os únicos centros de vida religiosa e intelectual, devido à ausência de cidades e bispos.”<sup>3</sup>

Esse processo de cristianização será o objeto deste trabalho, sendo a figura de Patrício o ponto central, utilizando para isso suas obras *Carta aos soldados de Coroticus* e *Confissões*, as duas únicas obras que sobreviveram ao tempo e que foram a ele associadas. A primeira, escrita no auge de seu trabalho de cristianização junto aos irlandeses, a segunda, já no fim de sua vida, para se defender das acusações de que teria ido à Irlanda não para evangelizar, mas para enriquecer.

Na análise dessas obras, além das abordagens relacionadas à atividade missionária de Patrício, levantamos algumas questões sobre a escravidão com o declínio do Império Romano do Ocidente e o início da Idade Média, as invasões bárbaras e a relação do cristianismo com o paganismo no século VI, especialmente na região da Irlanda, centrando, assim, na cristianização do território irlandês.

Usaremos neste trabalho a tradução das duas obras de Patrício feita por Dominique Vieira Coelho dos Santos para a *Royal Irish Academy*<sup>4</sup>.

Patrício, filho da elite bretã, ex-escravo, santo e padroeiro da Irlanda irá nos guiar por essas questões, enquanto tentamos entender como a Irlanda manteve tantas crenças pagãs e ao mesmo tempo formou inúmeros missionários para o cristianismo, mantendo-se até hoje um país fortemente cristão.

---

<sup>3</sup> AMIM, *loc.cit.*

<sup>4</sup> Disponível no site <https://www.confesio.ie>



## 1. CAPÍTULO I. O mundo de Patrício

### 1.1 A cristianização da Irlanda.

No século IV o cristianismo foi oficializado como religião do Império Romano e as religiões pagãs foram aos poucos sendo incorporadas e modificadas. No norte da Europa essa assimilação do paganismo pelo cristianismo demorou mais do que o resto do continente, e no caso da Irlanda, mesmo com a missão de Patrício, a religião cristã só se tornaria a fé dos clãs aristocráticos no século VI.<sup>5</sup>

Segundo J.J. Hillgarth o melhor lugar para começar a entender a cristianização da Europa não romana é a Irlanda. Por ela não ter sido submetida à Roma, tanto política e culturalmente, “o Cristianismo foi obrigado a desenvolver-se ali de modo distinto daquele naturalmente assumido dentro do Império Romano”<sup>6</sup>. A cultura irlandesa extremamente rica contribuiu para que ela não desaparecesse com a chegada da cultura latina.<sup>7</sup> Um dos exemplos apontados pelo autor, é o fato dos irlandeses terem desenvolvido duas literaturas nativas em línguas diferentes. Isso de alguma forma forneceu “um modelo para os desenvolvimentos posteriores nos Países Baixos, na Inglaterra e na Alemanha”<sup>8</sup>.

Thomas Cahill fala em um lugar sem centros populacionais, apenas fazendas isoladas e espalhadas.<sup>9</sup> Hillgarth explica que a falta de estrutura política romana e a força da tradição nativa influenciaram o modo como o cristianismo se desenvolveu no território, com a cristianização sendo feita em grande parte por monges. Podemos ver pelas obras de Patrício que realmente não existia uma estrutura para que os missionários pudessem se estabelecer, e mesmo que ele afirme que converteu milhares, sabemos que à época de sua morte “a conversão do país como um todo estava longe de estar completa”.<sup>10</sup> Por volta do século VI, época da missão de Patrício, o paganismo era muito forte na Irlanda,

---

<sup>5</sup> BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal - Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Editio Globo S.A., 2005. p. 62.

<sup>6</sup> HILLGARTH, J.J. *Cristianismo e Paganismo 350-750: A conversão da Europa Ocidental*. São Paulo: Madras editora, 2004, p. 135

<sup>7</sup> HILLGARTH, *loc.cit.*

<sup>8</sup> HILLGARTH, *loc.cit.*

<sup>9</sup> CAHILL, Thomas; *How the Irish saved civilization: the untold story of Ireland's heroic role from the fall of Rome to the rise of Medieval Europe*. London: Hodder and Stoughton, 1995.

<sup>10</sup> HILLGARTH, *op.cit.*, p. 136.

e só se tornaria totalmente cristianizada séculos mais tarde. Devido a relação problemática cristã-pagã, o processo de cristianização certamente seria lento e difícil.

A Irlanda mantinha uma tradição predominantemente oral, o que significa que existem poucos documentos da cristianização primitiva - ou de qualquer outro tema - desse território. Quando Patrício chegou à Irlanda pela primeira vez, ali coexistiam vários povos descentralizados politicamente, porém com elementos em comum. Assim como outros grupos deste período, os irlandeses eram compostos por pequenas comunidades de fazendeiros e pastores que viviam em aldeias às margens de rios, no litoral e em clareiras.<sup>11</sup>

Esses grupos, chamados de bárbaros<sup>12</sup> pelos romanos, possuíam grande força militar e integravam grupos maiores que eram chamados de povos. Para os romanos, características como costumes, origens, território, sistema político e até mesmo as fronteiras geográficas, eram importantíssimas para a identidade étnica<sup>13</sup>. Para os estudiosos romanos eles eram completamente diferentes dos outros povos com história - já que eram vistos como povos sem história -, tendo perdido suas origens em meio aos mitos.<sup>14</sup>

Jérôme Baschet explica que o cristianismo era, em 500, uma religião das cidades, e o politeísmo antigo era considerado uma crença de homens rurais, sendo os deuses antigos, demônios que precisavam ser caçados, e sua expulsão seria o centro da narrativa da propagação da fé cristã contra o paganismo. Para tal, o cristianismo adotou primeiramente o batismo, tanto como uma adesão à Deus, quanto como uma renúncia aos demônios do paganismo.<sup>15</sup>

Baschet descreve ainda dois caminhos percorridos nos séculos da Alta Idade Média no conflito contra o paganismo: destruir e desviar. O primeiro era acompanhado de uma substituição, por exemplo, destrói-se um símbolo pagão e com seus restos se constrói

---

<sup>11</sup> GEARY, Patrick J., *O mito das Nações: A invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005, p. 92.

<sup>12</sup> Segundo Geary “*bárbaro* era uma categoria inventada, projetada em uma variedade de povos com todos os preconceitos e pressuposições de séculos de etnografia clássica e imperialismo.” in GEARY, *op.cit.*, p.81. Carlan explica também que o nome *bárbaros*, que significava em grego estrangeiros, foi usado pelos romanos para designar os povos que não partilhavam dos seus costumes, cultura e organização política. In CARLAN, C.U., *op.cit.*, p.1.

<sup>13</sup> GEARY, *op.cit.*, p. 65.

<sup>14</sup> GEARY, *op.cit.* p.67.

<sup>15</sup> BASCHET, 2005, p.67.

espaços cristãos, como por exemplo a derrubada do carvalho de Thunor por São Bonifácio, em 730, que depois utiliza as tábuas dessa árvore sagrada para construir um oratório dedicado a São Pedro<sup>16</sup>. Essa seria uma forma de expulsar os demônios: a destruição dos espaços sagrados pagãos. A segunda era procurar pontos de contato entre o cristianismo e o paganismo, por exemplo, aceitava-se a crença em amuletos protetores, mas desde que tivesse a cruz de Cristo. Porém, é no culto aos santos que Baschet vê o papel decisivo de uma cristianização relativamente fácil. Era necessário dessacralizar a natureza, que para os pagãos era impregnada de forças sobrenatural. Aos santos eram confiados o controle dos demônios que habitavam a terra, e os bons cristãos se aliavam a eles. Através de seus gestos as múltiplas manifestações da sacralidade difusa que os pagãos atribuíam ao mundo natural, podem ser consideradas a expressão de vontade de Deus.<sup>17</sup>

Para Hillgarth esse triunfo do cristianismo católico sobre o paganismo “certamente deveu-se, em grande parte, ao apoio que recebeu, primeiro, do estado romano decadente e, mais tarde, das monarquias bárbaras.”<sup>18</sup>

Com as invasões bárbaras do século V a Igreja Católica passou por novas dificuldades, já que esses grupos eram quase todos pagãos e quando se convertiam ao cristianismo, adotavam o arianismo<sup>19</sup> e não o catolicismo: “Os católicos detestavam o arianismo porque o viam como uma traição da verdade central do cristianismo.”<sup>20</sup>

A Igreja Católica emergiu da crise bárbara com uma posição poderosa na Europa Ocidental. Possuía inúmeras propriedades de terras, tinha membros na classe dirigente e tinha o apoio dos sucessores bárbaros pagãos, com exceção dos lombardos arianos e os algo-saxões pagãos, que tardaram um pouco mais em se converter.<sup>21</sup>

Porém o que nos interessa é que na Irlanda, imersa nesse cenário em que o paganismo era fortíssimo e sem uma estrutura romana no território, a evangelização foi feita por “alguns santos individuais, e apenas uns poucos dentre eles tenham, provavelmente, sido

---

<sup>16</sup> *Ibid.*, p.68.

<sup>17</sup> BASCHET, 2005, *loc.cit.*

<sup>18</sup> HILLGARTH, 2004, p.17.

<sup>19</sup> Doutrina de Ário, padre cristão de Alexandria (Egito), que afirmava ser Cristo a essência intermediária entre a divindade e a humanidade, negava-lhe o caráter divino e ainda desacreditava a Santíssima Trindade.

<sup>20</sup> HILLGARTH, *op.cit.*, p. 16

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 17.

bispos”<sup>22</sup>. A Patrício foi atribuído o início dessa estruturação católica no território irlandês, já que a construção dos primeiros mosteiros no país supostamente foi feita por ele.

Esses mosteiros fazem parte da diferenciação da Igreja irlandesa. A Irlanda era parte de uma sociedade extremamente pastoral e não urbana, e por isso a Igreja não era encontrada em cidades episcopais, mas nos mosteiros rurais.<sup>23</sup> Para Hillgarth essa importância dos mosteiros era relacionada com as duas instituições centrais da Irlanda: o parentesco e o clã, e à existência de grandes-reis que agiam como soberanos de inúmeros reis menores.<sup>24</sup>

*Ierne*, como era chamada a Irlanda, não possuía uma unidade política única, o território era dividido em quatro grandes regiões chamados: *Ulster*, *Connacht*, *Leinster* e *Munster*, por onde se espalhavam diversos clãs e povos.<sup>25</sup> Essas regiões, por sua vez, eram divididas em territórios conhecidos pelo termo *túath*, que eram governados por um rei, um chefe de clã e que muitas vezes envolvia grupos de vizinhos.<sup>26</sup> Ou seja, na Irlanda de Patrício havia, assim, em torno de 150 *Thuatas* diferentes.

A Igreja Irlandesa já no século VII é dividida por Hillgarth em duas facções - romanos e irlandeses. Os primeiros estavam “centrados no Sul da Irlanda, estavam intelectualmente mais próximos do continente”<sup>27</sup>. Já os segundos, estavam ao Norte da Irlanda e preservavam as tradições nativas.

Com o passar dos anos a Igreja triunfou sobre o paganismo na Irlanda, porém para o autor ela deveu grande parte disso à sua fusão com tradições mais antigas. Hillgarth explica isso ao falar dos heróis e santos referenciados.

Se for examinada a literatura produzida em irlandês - grande parte da qual provavelmente em mosteiros - nota-se que os heróis do passado pagão continuaram a ser referenciados de um modo que seria, novamente, difícil de ser encontrado em outro lugar na cristandade ocidental. Os deuses pagãos tiveram seus atributos transferidos a santos cristãos. Santos como Columba Cille, que estavam profundamente

---

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 136.

<sup>23</sup> HILLGARTH, 2004, *loc.cit.*

<sup>24</sup> *Ibid.*, p.137.

<sup>25</sup> FREEMAN, Philip. *St. Patrick of Ireland - A biography*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2004, p.20.

<sup>26</sup> SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. As múltiplas identidades de Patrício: um bretão-romano na Irlanda. *ANPUH - XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, 2013, p.6.

<sup>27</sup> HILLGARTH, 2004, p.137.

envolvidos em disputas e batalhas aristocráticas, provaram ser excelentes substitutos para os antigos deuses celtas da guerra.<sup>28</sup>

Os monges irlandeses que deixavam o país e dirigiam-se ao continente europeu em missões levavam consigo os *Penitenciais*, que eram guias de penitências para diferentes pecados. Essa prática não foi inventada pela igreja da Irlanda, porém Hillgarth afirma que ela popularizou o uso dos penitenciais pelo cristianismo, o que causou uma modificação importante na religião do Ocidente.<sup>29</sup>

## 1.2 Patrício santo

A Irlanda ainda é um país extremamente cristão, e acima de tudo, católico. Segundo o último censo realizado em 2016 a população irlandesa continua a ser em sua maioria Católica, com 78,3% da população se identificando como tal. Esse fato é percebido pelas manifestações culturais que vemos no país, festas que são tradicionais e que se referem em grande parte à padroeiros católicos.

O santo Patrício, apesar de ser bretão, é considerado o padroeiro da Irlanda, mas pouco se sabe sobre a razão dele ter se tornado uma figura tão poderosa no país. Sua vida e suas obras explicam seus contatos com o povo irlandês do ponto de vista do próprio Patrício, e talvez estudando-as possamos entender melhor como Patrício contribuiu para a cristianização do território que irá consagrá-lo.

A história de Patrício é muitas vezes cheia de anedotas fantasiosas sobre seus feitos, ou histórias sobrenaturais do poder que ele tinha para fazer milagres. Durante sua vida, segundo Ana Teresa Marques Gonçalves e Dominique Vieira Coelho Santos,<sup>30</sup> seus contemporâneos não reconheceram sua importância, e apenas séculos após sua morte é que sua vida começou a ser estudada e Patrício veio a se tornar importante para a história da Irlanda.

O que sabemos é que a ele foi atribuída a criação da primeira diocese na Irlanda, e seu trabalho de cristianização no país difundiu o cristianismo em lugares que antes não conheciam a religião. Patrício era conhecido por utilizar lendas locais para explicar a

---

<sup>28</sup> *Ibid.*, p.138.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p.140.

<sup>30</sup> GONÇALVES, Ana Teresa Marques; SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Os pais da Igreja e as Obras de São Patrício: Uma Análise da Cristianização da Irlanda. *Praesentia* 9. 2008. p.2.

Bíblia e a religião, assim como usou o trevo (que era sagrado para os celtas) para explicar a Santíssima Trindade. Ele comparava a Santíssima Trindade com o trevo, dizendo que cada folha é diferente, mas as três formam o todo, fazendo assim o que Baschet fala sobre dar uma sacralidade legítima às crenças pagãs.<sup>31</sup>

Patrício além de converter, segundo ele mesmo, “centenas de novas almas ao Senhor”, também ordenou padres, bispos e inúmeros clérigos no território irlandês, aumentando assim o número de missionários difundindo o cristianismo. Para Santos a maior contribuição de Patrício, no entanto, foram suas obras, a composição da Epístola e das Confissões, uma vez que por meio dessas obras podemos ter alguma informação sobre a Irlanda do século V, período onde as informações são raras e incertas.<sup>32</sup>

Patrício passou por situações adversas em sua missão na Irlanda, foi perseguido, assaltado, preso e, muitas vezes, teve que pagar pela proteção de reis e chefes celtas, porém ele diz que sua fé nunca o abandonou, o que ele creditava ser uma missão de Deus. Passou grande parte da sua vida em território irlandês e lá morreu.

A ele foram atribuídos inúmeros milagres, como ter expulsado as cobras da Irlanda<sup>33</sup>, por exemplo, e essas lendas ganharam força alguns séculos após sua morte, sendo sua figura de padroeiro da Irlanda e pai da Igreja no país, fortalecida pelo imaginário.

Caricaturado nos dias de hoje para parecer um *leprachaun*<sup>34</sup>, Patrício parece ter tido pouca relação com essa figura mitológica.<sup>35</sup> Apesar de haver poucas fontes sobre o homem Patrício, sua vida e o próprio trabalho que realizou na Irlanda, suas obras preservadas nos informam um pouco sobre a história desse homem que virou santo, do cristianismo na transição do fim do Império Romano e da cultura nórdica do século V.

### 1.3 Patrício histórico

---

<sup>31</sup> BASCHET, 2005, p.69.

<sup>32</sup> SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. As representações acerca da cristianização da Irlanda Celta do Século V nas cartas de São Patrício. ANPUH - XXIV Simpósio Nacional de História. Rio Grande do Sul, 2007. p.3.

<sup>33</sup> Segundo a lenda, o fato de não existir cobras na Irlanda se deve Patrício que as expulsou, atirando-as ao mar quando as mesmas tentaram atacá-lo enquanto jejuava durante 40 dias no topo de uma montanha.

<sup>34</sup> Figura mitológica do folclore da Irlanda, uma espécie de duende.

<sup>35</sup> Essa representação do santo permanece bastante viva na festa do seu dia, 17 de maio, comemorada mundialmente, mas principalmente na Irlanda.

Nascido na Bretanha, no final do século IV, provavelmente nos anos em que Teodósio foi imperador (347-395)<sup>36</sup>, oriundo de uma nobre família bretã, Patrício viveu em um pequeno vilarejo que servia como centro comercial e agrícola, *Bannauen Taberniae*. Seu pai era um diácono e decurião<sup>37</sup> chamado Calpurnius, e seu avô, o presbítero Potitus, títulos que provavelmente levavam não tanto por sua crença cristã, mas pelos benefícios próprios da aristocracia. Patrício nasceu como cidadão romano na Bretanha e possuía uma educação básica em latim. Apesar de sua família servir à Igreja, ele não se converteu oficialmente antes no período em que estaria como escravo na Irlanda.<sup>38</sup>

Sua família provavelmente era considerada uma das mais abastadas da região, porém a riqueza era apenas um elemento de um complexo mais amplo ligado à cultura romana, onde se “distingua os civilizados dos meramente romanos”.<sup>39</sup> Essa distinção é observada por Patrick J. Geary, que observa que “praticamente todos os habitantes do Império passavam a se tornar romanos, a identificação por essa categoria perdia sua importância.”<sup>40</sup>

Patrício nasceu já no enfraquecimento do poderoso Império Romano, época da expansão do cristianismo e quando a Igreja Católica começava a exercer grande poder nos territórios romanizados. A mudança de religião do Império para o cristianismo já vinha acontecendo desde a conversão do Imperador Constantino em 312. Baschet faz questão de comentar que “ao longo do século IV, beneficiando-se da paz, das riquezas e dos meios para consolidar posições de forças locais outorgadas pelo imperador, a Igreja cresce tirando proveito das estruturas imperiais.”<sup>41</sup>

Ao mesmo tempo, as províncias nas fronteiras do Império iam sendo penetradas por povos germânicos. Os governantes dessas províncias tendiam inicialmente a aceitar pacificamente essas invasões, formando espécies de alianças com esses povos para que

---

<sup>36</sup> FREEMAN, 2004, p.2.

<sup>37</sup> Eram responsáveis por coletar as taxas imperiais, com uma vida de honras e privilégios, e cuja posição era hereditária. *Ibid.*, p.3.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 2-15.

<sup>39</sup> GEARY, 2005, p. 85.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p.82.

<sup>41</sup> BASCHET, 2005, p.61.

eles trabalhassem nas terras, utilizando assim essas forças para vigiar as fronteiras, já que esses povos contavam com um poderio militar próprio comandados por seus chefes.<sup>42</sup>

Os germânicos, em sua maioria, respeitaram a cultura romana, fundindo os costumes desses povos com os seus próprios. A aristocracia germânica começou inclusive a usar o latim, cuja fusão com as línguas desses grupos, originou às línguas românicas ou neolatinas que foram sedimentando ao longo do séculos.<sup>43</sup> Por isso Patrício cresceu tendo contato não só com o bretão, seu idioma materno, mas também com o latim, já que a Bretanha nessa época, e por quase 300 anos, era um a província romana.

Vale destacar que mesmo tendo contato com a língua latina no início de sua vida, Patrício não teve sua educação finalizada nos moldes romanos e por isso muitas vezes em sua obra diz o quanto é ignorante no idioma latino.<sup>44</sup> É provável que recebeu a educação romana básica, mesmo assim, sua raiz bretã deve ter sido preservada. Os nativos bretões mantiveram, a partir da ocupação romana e de forma bastante viva, suas histórias. As famílias, segundo Geary, não abandonavam suas tradições tribais ou regionais, sendo até consideradas motivos de orgulho para os provincianos<sup>45</sup>. Então é razoável afirmar que Patrício cresceu ouvindo tanto as histórias romanas como as histórias de sua terra natal.

Pouco se sabe sobre sua juventude, podemos especular como seria a vida de um jovem filho da aristocracia em uma pequena cidade, onde sua família provavelmente era uma das maiores influências políticas e econômicas. É provável que a família tenha disposto de muitos escravos para as tarefas diárias que uma comunidade agrícola necessitava e que Patrício tenha crescido se servindo dessas facilidades.

Com relação ao tema da escravidão, que afetará diretamente a Patrício já que foi um escravo, podemos dizer que no século IV e V, seguindo a crise do Império, essa prática também passará por transformações. Apesar de seu fim, no contexto da produção (já que permanecerá no âmbito doméstico), se dar séculos depois (por volta do século X), a escravidão no século V já passava por mudanças devido ao abalo das estruturas sociais decorrente da transição da Antiguidade para a Alta Idade Média. A escravidão agrícola

---

<sup>42</sup> CARLAN, C.U. As invasões germânicas e o Império Romano: conflitos e identidades no baixo império. *História: questões e debates*, Curitiba: UFPR, n. 48/49, 2008, p. 139.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 141.

<sup>44</sup> Patrick. *Confesio. Royal Irish Academy*. Disponível em: <[https://www.confesio.ie/etexts/confesio\\_portuguese#01](https://www.confesio.ie/etexts/confesio_portuguese#01)>. Acesso em 13 abr.2018. (Tradução Dominique Vieira Coelho dos Santos), 9.

<sup>45</sup> GEARY, 2005, p. 85-86.



diminuía, porém a escravidão doméstica não mostrava sinais de esgotamento. Baschet tenta relacionar o desaparecimento da escravidão com duas causas principais: as religiosas e as militares.<sup>46</sup> Geary observa três tipos principais de escravos no mundo antigos: os escravos decorrentes da hereditariedade, de alguma condenação judicial e dos espólios das guerras nas fronteiras do Império. E diferentemente do que aconteceria na escravidão moderna, não havia distinção de raça, etnia ou religião para a definição dessa categoria.<sup>47</sup>

Deve-se lembrar que o cristianismo não condenava a escravidão e que a Igreja, na verdade, era dona de centenas de escravos. Porém, a difusão das práticas cristãs muda a percepção da imagem do escravo e de sua exclusão da sociedade. A Igreja não permitia que um cristão fosse feito escravo, e com o batismo estendido a esse grupo, diminuía a distância entre livres ou não-livres.<sup>48</sup>

Outra justificativa levantada para o fim da escravidão é de cunho militar, com a diminuição das fontes de abastecimento de escravos em razão do fim das guerras romanas. Justificativa criticada por Baschet, que observa que as desordens e invasões do século V mostram o contrário, a exemplo, as guerras comandadas pelos reinos germânicos entre si ou contra outros povos, que asseguravam a manutenção desse fornecimento por mais alguns séculos. Ainda assim, deve-se levar em consideração que o escravo do século V é diferente do escravo da Antiguidade. O escravo antigo era estrangeiro e possuía uma barreira muito grande para com seus senhores, por conta da língua e cultura, já no período das guerras germânicas, os escravos eram muitas vezes capturados em guerras entre vizinhos, o que dificultava sua dessocialização e separação dos homens livres.<sup>49</sup>

Isso foi o que provavelmente ocorreu com Patrício, que aos dezesseis anos foi raptado por invasores. Santos fala em piratas irlandeses que, à procura de escravos, o teriam levado à Irlanda, onde foi feito escravo por seis anos, pastoreando ovelhas para um homem chamado Milliuc.<sup>50</sup>

Na viagem até a Irlanda, Patrício descreve o que seria o início de sua conversão ao Cristianismo, em suas palavras: “o Senhor abriu o entendimento de incredulidade do meu

---

<sup>46</sup> BASCHET, 2005, p. 56-60.

<sup>47</sup> GEARY, *op.cit.*, p.82.

<sup>48</sup> BASCHET, *op.cit.*, p.56.

<sup>49</sup> *Ibid.*,p.57.

<sup>50</sup> SANTOS, 2007, p. 1.

coração, afim de que, mesmo muito tarde, me recordasse meus pecados e me convertesse de todo coração ao Senhor, meu Deus”.<sup>51</sup>

Quando chegou a Irlanda, Patrício foi trabalhar como escravo cuidando do rebanho do seu senhor e, de acordo com suas Confissões, foi ali que ele finalmente se converteu ao cristianismo. Ali passou centenas de horas orando, e segundo ele, foram essas orações que permitiram que ele sobrevivesse às mazelas da escravidão. E foi nesses campos também que ouviu uma voz lhe comunicando que em breve partiria de volta a sua terra e que um barco o estaria esperando.<sup>52</sup> Algum tempo depois, Patrício sonha com uma voz novamente lhe dizendo que em breve iria para casa.

Na descrição de sua fuga da Irlanda, e tentativa de volta às terras bretãs, podemos talvez ver o que pode ser considerado o mito fundador da vida do missionário de Patrício, o início de sua vocação.

Segundo a obra Confissões, ele fugiu do seu senhor e foi encaminhado até o barco que se dirigia à Bretanha. A princípio teria sido impedido de embarcar, mas Patrício conta que “no caminho comecei a orar e antes que terminasse a oração”<sup>53</sup> foi chamado de volta por um dos homens e conseguiu embarcar. Passaram três dias no mar e depois que chegaram à terra, mais 28 dias caminhando, antes que a comida e a água acabassem.<sup>54</sup> Assim, Patrício conta que o capitão o indagou sobre Deus, e por que não orava por eles. Patrício então tentou converter esses homens, prometendo-lhes que assim que o fizessem, Deus lhes mandaria comida e água. Patrício segue falando que “com a graça de Deus isto realmente aconteceu: eis que uma vara de porcos apareceu no caminho diante dos nossos olhos”<sup>55</sup>, fazendo assim aqueles homens que seguiam viagem junto dele se convertessem. Patrício ainda fala que foi capturado mais uma vez e passou alguns meses como escravo de outro senhor, porém novamente Deus lhe ajuda a fugir. Assim, depois de anos fora e mudado pela escravidão, Patrício finalmente retorna a sua casa.

Já entre os seus familiares, Patrício diz ter tido outra visão, desta vez o incentivando a voltar para a Irlanda:

---

<sup>51</sup> Patrick, *Confesio*, 2. Disponível em: <[https://www.confesio.ie/etexts/confesio\\_portuguese#01](https://www.confesio.ie/etexts/confesio_portuguese#01)>. Acesso em 13 abr.2018.

<sup>52</sup> *Ibid.*, 17

<sup>53</sup> *Ibid.*, 18

<sup>54</sup> *Ibid.*, 19

<sup>55</sup> Patrick, *loc.cit.*

Um homem que vinha como que da Irlanda, cujo nome era Victorius, com inúmeras cartas, e me deu uma delas e logo no principio da carta estava escrito: “A voz dos irlandeses” e enquanto eu recitava o principio da mesma, pareceu-me naquele momento ouvir as vozes daqueles que estavam perto da floresta de Coclut que fica perto do mar ocidental, e assim exclamavam como se fossem uma só voz: “Nós te rogamos, santo jovem, venhas e caminhes novamente entre nós” e eu estava tão profundamente tocado no meu coração que nem pude ler mais e assim despertei.<sup>56</sup>

O que se sabe é que se passaram anos antes que Patrício voltasse a Irlanda, porém não temos fontes que possam explicar o que aconteceu a ele nesses anos. Podemos supor que Patrício foi atrás de sua ordenação religiosa<sup>57</sup>, já que pelos seus escritos, parece ser que ele pretendesse voltar ao país que lhe fez escravo para espalhar a palavra de Deus. Pode-se supor com isso que ele passou esses anos em algum monastério e que chegou a se ordenar padre. Santos afirma que a missão de Patrício não foi comandada oficialmente pela igreja, ele foi para a Irlanda por decisão própria e como tinha conhecimento prévio da organização da comunidade irlandesa, sua missão foi um sucesso.<sup>58</sup>

Apesar de muitos dizerem que Patrício foi o primeiro a levar o cristianismo à Irlanda, alguns dados arqueológicos mostram que o povo irlandês já tinha contato com a religião e é possível que já existissem alguns cristãos espalhados pelo país. Matheus de Oliveira Lopes fala de relatos da ação de missionários como Paládio desde os anos 430<sup>59</sup>, mas foi com Patrício, em 434, que os povos irlandeses começaram a ter contato mais direto e constante com a religião, sendo responsável pela criação de inúmeros mosteiros e comunidades cristãs. Criou também uma capital eclesiástica em Armagh<sup>60</sup> e foi por meio de suas ações que vários monges começaram a evangelizar o território irlandês e outros povos.

---

<sup>56</sup> *Ibid.*, 23

<sup>57</sup> FREEMAN, 2004, p.54-65.

<sup>58</sup> SANTOS, 2013, p.6

<sup>59</sup> LOPES, Matheus de Oliveira; *Relações de poder na Irlanda cristã (séculos V-VII)*. XXIII Encontro estadual de História. ANPUH. 2016

<sup>60</sup> Cidade na Irlanda do Norte

Patrício nunca voltou à sua terra natal, passando o final de sua vida no território irlandês. Para ele Cristo teria ordenado que “viesse estar com eles o resto dos meus dias”<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> Patrick, *Confesio*, 43. Disponível em: <[https://www.confesio.ie/etexts/confesio\\_portuguese#01](https://www.confesio.ie/etexts/confesio_portuguese#01)>. Acesso em 13 abr.2018.

## 2. CAPÍTULO II. Obras

Como já dissemos, entre todos os textos atribuídos à São Patrício, apenas dois foram confirmados, a sua obra *Confissões*<sup>62</sup> e a *Carta aos Soldados de Coroticus*.<sup>63</sup> As duas obras têm diferenças marcantes. Enquanto na carta escrita a Coroticus podemos ver um homem mais ativo, lutando para salvar os cristãos e para continuar a missão que ele acreditava lhe ter sido entregue, em suas *Confissões* vemos um homem aproximando-se da velhice<sup>64</sup> e defendendo-se de supostas acusações contra essa mesma missão.

Em suas obras podemos encontrar uma imagem de como o próprio Patrício se enxergava no papel de missionário cristão. Para Dominique Vieira, as obras de Patrício são importantes justamente por mostrar essa visão de si, da representação dos irlandeses e das questões relacionadas à cristianização da Irlanda.<sup>65</sup>

### 2.1 Carta aos soldados de Coroticus

Na carta aos soldados de Coroticus vemos um Patrício engajado em sua missão, além de ativo e feroz. Essa carta foi escrita como protesto a ataques dos homens de Coroticus aos recém batizados de Patrício, e nela é possível também perceber o que era para ele sua missão e as dificuldades enfrentadas por ele e pelos novos cristãos em geral.

O gênero epistolar, ou a epístola em si, é definida por Afdma Fadul Muhana como “parte de um diálogo, metade de um colóquio, e não um discurso”, portanto o ato de escrever uma carta “implica interlocutores”.<sup>66</sup>

---

<sup>62</sup> Patrick, *Confesio. Royal Irish Academy*. Disponível em: <[https://www.confesio.ie/etexts/confesio\\_portuguese#01](https://www.confesio.ie/etexts/confesio_portuguese#01)>. Acesso em 13 abr.2018. (Tradução Dominique Vieira Coelho dos Santos)

<sup>63</sup> Patrick, *Epistola ad milites Corotici. Royal Irish Academy*. Disponível em: <[https://www.confesio.ie/etexts/epistola\\_portuguese#](https://www.confesio.ie/etexts/epistola_portuguese#)>. Acesso em 13 abr.2018. (Tradução Dominique Vieira Coelho dos Santos)

<sup>64</sup> Patrick, *op.cit.*, 10

<sup>65</sup> SANTOS, 2007, p. 3.

<sup>66</sup> MUHANA, Afdma Fadul. O gênero epistolar: dialogo *per absentiam*. *Discurso – Revista do Departamento de filosofia da USP*, nº31, pg.329-346, 2000. p.331

As cartas, de acordo Pierre Fabri, são classificadas, segundo três estilos oratórios, e Muhana apresenta esses estilos da seguinte forma:

Elevadas ou graves (quando tratam de teologia, das sete artes liberais, do regime de príncipes e da coisa pública); medianas ou familiares (quando tratam de coisas mecânicas, de economia, do governo da casa, das rendas e do comércio); e baixas ou humildes, mas sempre úteis, honestas e necessárias (quando tratam da família, da casa das crianças, de galanteios, pastores, etc.)<sup>67</sup>

Segundo essa divisão, podemos classificar a epístola de Patrício na categoria elevadas ou graves, já que nela trata sobre questões políticas e religiosas. Soares comenta que a utilização do termo e diferenciação das epístolas foram usados indiscriminadamente, os próprios autores não estavam preocupados com essas diferenciações.<sup>68</sup>

As epístolas, ou cartas, foram bastante utilizadas pelos Pais da Igreja, e serviam às exigências do momento e não com a intenção de serem guardadas para a posteridade. Esse tipo de comunicação permitia uma difusão da mensagem cristã em lugares onde os destinatários estavam distantes e separados.<sup>69</sup>

Na “Carta aos soldados de Coroticus”, Patrício se intitula bispo, confirmando talvez assim sua ordenação nos anos antecedentes à sua ida para a Irlanda, ao que ele fala “Eu Patrício, um pecador ignorante, residente na Irlanda, me declaro um bispo.”<sup>70</sup> As fontes sobre os anos de formação eclesiástica de Patrício são poucas e raramente confiáveis, como explica Freeman, e portanto o trabalho de descobrir quando exatamente se tornou bispo é frustrante. Para o autor é provável que Patrício tenha passado por todos os estágios da Igreja para alcançar o título, porém acha pouco provável que Patrício tenha demorado 25 anos para retornar a Irlanda.<sup>71</sup>

---

<sup>67</sup> FABRI, Pierre. *Le grand et vrai art de pleine rhétorique*. 1521 apud MUHANA, Afdma Fadul. O gênero epistolar: dialogo *per absentiam*. In *Discurso – Revista do Departamento de filosofia da USP*, nº31, pg.329-346,2000, p.334

<sup>68</sup> SOARES, Carolline da Silva. O gênero epistolar na antiguidade: a importância das cartas de Cipriano para a história do cristianismo Norte Africano (século III D.C.). *Revista História e Cultura*, São Paulo, v.2, n.3 (especial), p.199-215, 2013, p.202.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p.204.

<sup>70</sup> Patrick, *Epistola ad milites Corotici*, 1. Disponível em: <[https://www.confesio.ie/etexts/epistola\\_portuguese#](https://www.confesio.ie/etexts/epistola_portuguese#)>. Acesso em 13 abr.2018

<sup>71</sup> FREEMAN, 2004, p.65.

Enviada para os soldados de Coroticus, essa carta demonstra um Patrício engajado em sua missão de apresentar o cristianismo ao povo do território Irlandês. Na obra ele reforça sua missão e condena os atos de Coroticus contra os neófitos a quem ele tinha batizado.<sup>72</sup> Patrício também discorre sobre as dificuldades que ele encontra na Irlanda, citando o ódio que lhe é dirigido, o desprezo de grupos como o de Coroticus, que hostilmente atacam os cristãos e os entregam a outros povos pagãos.<sup>73</sup>

Patrício também adverte os soldados de Coroticus para que esses não aceitem as ações de seu chefe:

Por este motivo, então, peço veementemente, santos e humildes de coração, não é lícito adular tais pessoas, nem comer, nem beber com eles, nem receber suas esmolas até que tenham feito rigorosa penitência, derramado bastantes lágrimas a Deus, libertem os servos de Deus e as servas batizadas de Cristo, por quem ele morreu e foi crucificado.<sup>74</sup>

Na carta, Patrício comenta sobre a venda dos cristãos irlandeses recém convertidos para os francos e os pictos, além de outros povos onde os cristãos “são reduzidos à escravidão”.<sup>75</sup>

Nessa carta podemos observar também como os pagãos são vistos pelos cristãos recém convertidos. Patrício fala em “povos estrangeiros que não conhecem a Deus”, “lobos vorazes que tem devorado o rebanho do Senhor”. E ainda fala que “a Igreja chora e lamenta os seus filhos e filhas que a espada ainda não assassinou, mas que foram removidos e levados a terras distantes, onde o pecado abunda gravemente, manifestamente e descaradamente.”<sup>76</sup>

Na carta fica claro que muitos não aceitavam a conversão dos irlandeses ao cristianismo católico, sobre isso, Patrício diz: “talvez eles não acreditem que recebemos um e o mesmo batismo e que temos um e o mesmo Deus Pai. Para eles é indigno que

---

<sup>72</sup> Patrick, *Epistola ad milites Corotici*, 2. Disponível em: <[https://www.confesio.ie/etexts/epistola\\_portuguese#](https://www.confesio.ie/etexts/epistola_portuguese#)>. Acesso em 13 abr.2018

<sup>73</sup> *Ibid*, 12.

<sup>74</sup> *Ibid*, 7.

<sup>75</sup> *Ibid*, 15.

<sup>76</sup> Patrick, *loc.cit*.

sejamos irlandeses”.<sup>77</sup> Ele se apresenta como representante dos cativos cristãos, pedindo para sejam libertados e para que possam “merecer viver para Deus”<sup>78</sup>

Essa carta é um importante documento para perceber como os missionários viam o seu trabalho, a importância que conferiam a ele, informando, igualmente, sobre as questões práticas que envolviam essas missões.

## 2.2 Confissões

As Confissões de Patrício relatam uma parte de sua história como escravo na Irlanda e sua vida como missionário no país. E aqui temos que ter cuidado, pois, como disse Sheila Dias Maciel “os gêneros confessionais são, como qualquer outro discurso, uma produção humana entrecortada de ficção”<sup>79</sup> e portanto há que duvidar de muitas afirmações feitas na fonte. O gênero confessional tem a peculiaridade de mostrar o ponto de vista do autor:

A literatura confessional equivale à intimista, autobiográfica ou memorialista, adjetivações que, apesar das suas idiossincrasias, costumam se remeter à textos escritos em primeira pessoa em que ocorre, em algum momento, não a descrição de alguma verdade, mas a apresentação de um ponto-de-vista particular que individualiza a existência do eu que se inscreve, independentemente da sua existência extra textual.<sup>80</sup>

As Confissões de Patrício, obviamente, surgem antes que o gênero confessional tomasse forma estruturada, para Maciel, isso aconteceria a partir do século XVIII, a experiência do “eu” autobiográfico até então não se separava do modelo de conduta geral, e portanto se tornava impessoal.<sup>81</sup>

---

<sup>77</sup> *Ibid*, 16

<sup>78</sup> *Ibid*, 21.

<sup>79</sup> MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os Gêneros Confessionais, p.1. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/72631871/A-Literatura-e-os-generos-confessionais> acesso em 01/06/2018.

<sup>80</sup> MACIEL, Sheila Dias. Termos de Literatura Confessional em Discussão. *Revista Guavira on-line*, número 1, publicação do programa de pós graduação da UFMS, Campus Três Lagoas, pg. 24-30, 2004. p.25.

<sup>81</sup> MACIEL, 2018, p.4.



A memória e a escrita autobiográfica passaram nas últimas décadas a fazer parte das novas discussões em relação a narrativa histórica. Para Teresa Cruz e Silva é evidente a revalorização da narrativa e da memória para as ciências sociais, contribuições importantes para uma nova forma de olhar a História.<sup>82</sup>

Esse gênero se difere do gênero confessional de memória, pois temos nesse último um “eu que quer tirar do passado uma leitura do mundo” e na autobiografia “um eu que quer tirar do mundo o que seja a sua própria história”.<sup>83</sup>

Para Philippe Lejeune, há três tipos diferentes de autobiografia: a retrospectiva de uma vida, o diário pessoal e a correspondência.<sup>84</sup>

O primeiro teria como propósito a comunicação ou transmissão da vida, ou de uma parte da vida, do indivíduo, para transmitir uma memória, uma experiência, valores, mas sempre voltadas para a visibilidade. O segundo seria usado para construir memórias, para aplacar dores emocionais ou para visualizar a vida com um pouco mais distanciamento. Por fim, a correspondência, que seria para manter comunicação com alguém, em um ato recíproco e sem formalidade.<sup>85</sup>

Partindo dessas classificações, as Confissões de Patrício se encaixariam na apresentação de um “pacto autobiográfico” em que o “autobiógrafo se compromete explicitamente não a uma exatidão histórica impossível, mas a uma apresentação sincera de sua vida.”<sup>86</sup>

E apesar de ser interessante conhecer a vida do missionário Patrício, vemos que nas Confissões de Patrício o mais importante, como Santos já havia dito, é a observação e reflexão sobre as representações do século V.<sup>87</sup>

Segundo Patrício, o que o motivou a escrever as Confissões foi a necessidade de defender-se das acusações de que teria ido à Irlanda para enriquecer-se “usando o nome

---

<sup>82</sup> SILVA, Teresa Cruz e. Memória, história e narrativa. Os desafios da escrita biográfica no contexto da luta nacionalista em Moçambique. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Nº 106 - Memórias de violências: que futuro para o passado? p. 133-152, 2015, p.133.

<sup>83</sup> MACIEL, 2018, p.9.

<sup>84</sup> Termo que o autor usa de forma abrangente, como “a expressão escrita de uma vida por um indivíduo”. LEJEUNE, Philippe. *Autobiography and new communication tools in identity technologies: constructing the self-online*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, p.247-258, 2014.p.247

<sup>85</sup> *Ibid*, p.247.

<sup>86</sup> MACIEL, 2018, p.7.

<sup>87</sup> SANTOS, 2007, p. 3.

do Senhor”. As Confissões começam com um Patrício penitente e humilde falando sobre como conheceu a Irlanda. Uma rapaz de 16 anos que, capturado, fora levado a uma terra estrangeira para viver como escravo.

Patrício diz: “ignorava o verdadeiro Deus e junto com milhares de pessoas fui capturado e conduzido ao cativeiro na Irlanda segundo nosso merecimento.”<sup>88</sup> Porém para ele esses eventos serviram para prepará-lo para o homem que seria em alguns anos, e para as missões que Deus planejava.

Por outro lado, não me dirigia à Irlanda de livre vontade, estava a ponto de desistir, mas isso no entanto foi para mim um bem, pois por isso fui repreendido pelo Senhor, e ele preparou-me para que hoje fosse o que eu ainda estava longe de ser, a fim de que eu tivesse o cuidado ou me preocupasse pela salvação dos outros, quando ao contrário, naquela época não pensava em nada além de mim mesmo.<sup>89</sup>

Em suas Confissões Patrício explica pouco sobre os anos passados no cativeiro, ele se empenha em dizer que foram nesses anos que teve contato com Deus e que por ter se convertido, o Senhor o protegeu de maiores dificuldades. Até que um dia em que, em sonho, Patrício disse ter ouvido uma voz que profetizava sobre sua liberdade, e assim, depois de seis anos como escravo, ele fugiu, embarcando em um navio que ia a Bretanha.<sup>90</sup>

Seu dom para realizar conversões já é exemplificado nessa etapa de sua vida. Ele apresenta Cristo aos marinheiros com quem viajava, depois de vários dias de tribulações e, segundo ele, somente após Ihes converter surgiu alimento e água abundante durante toda a viagem.<sup>91</sup>

De volta a Bretanha e a sua família, Patrício teve uma visão de um homem que vinha até ele como se estivesse vindo da Irlanda e lhe entrega inúmeras cartas que seriam pedidos dos irlandeses para que voltasse à ilha. Essa visão fez com que Patrício voltasse à Irlanda, e começasse seu papel na evangelização do povo que o havia escravizado.

---

<sup>88</sup> Patrick, *Confesio*, 1. Disponível em: <[https://www.confesio.ie/etexts/confesio\\_portuguese#01](https://www.confesio.ie/etexts/confesio_portuguese#01)>. Acesso em 13 abr.2018.

<sup>89</sup> *Ibid.*, 28.

<sup>90</sup> *Ibid.*, 16-18.

<sup>91</sup> *Ibid.*, 19

O próprio Patrício explica que levaria muito tempo para narrar o que lhe aconteceu na Irlanda. “Vou dizer brevemente como o piedosíssimo Deus frequentemente tem me livrado da servidão, e de doze perigos pelos quais minha alma foi ameaçada, além de muitas ciladas que não sou capaz de descrever com palavras”<sup>92</sup> Ele passa então a relatar o que lhe aconteceu na terra estrangeira, mas reforça constantemente que Deus lhe preparou e que estava ao seu lado quando passava pelas perseguições e prisões, dando-lhe força para que ele levasse o evangelho aos povos da Irlanda.<sup>93</sup>

Apesar das perseguições, Patrício parece ter sido responsável pelo batismo de milhares de pessoas na Irlanda, permanecendo fundamental na expansão do cristianismo no território, sua memória. Apesar de práticas muito distintas às do cristianismo, Patrício parece ter tido o dom de converter desde os mais pobres até a aristocracia irlandesa, que em consequência disso, foram muitas vezes perseguidas.

Patrício encontrou uma região com pouco contato com o cristianismo católico, e mesmo que houvesse cristãos espalhados no território irlandês, não havia um sentido de unidade da Igreja no país. O próprio Patrício diz que fora o primeiro a batizar pessoas em algumas regiões:

Eu fiz todos os esforços por vós para que me recebessem, e andava no meio de vós, e em todo lugar, por vossa causa, em muitos perigos mesmo nas regiões mais remotas onde não havia ninguém e ninguém havia vindo antes para batizar, ordenar clérigos ou confirmar pessoas.<sup>94</sup>

Ao falar sobre o povo irlandês, Patrício demonstra grande afeição por aqueles que converteu, porém em nenhuma de suas obras ele chama a Irlanda de lar. Para Santos, a relação de Patrício para com a Irlanda sempre foi conflituosa, sendo evidente que ele vê o território como um lugar de bárbaros que só por meio do cristianismo poderá superar sua condição de barbárie.<sup>95</sup>

---

<sup>92</sup> *Ibid.*, 35

<sup>93</sup> *Ibid.*, 37

<sup>94</sup> *Ibid.*, 51

<sup>95</sup> SANTOS, 2013, p.4.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do santo Patrício vai muito além das lendas que lhe foram atribuídas no decorrer dos anos.

Mesmo não sendo o primeiro cristão a tentar evangelizar o território irlandês, é com ele que o cristianismo irá se expandir entre a população. Foi por meio dele que a Igreja da Irlanda se fortaleceu de maneira distinta de outros territórios, já que a região era extremamente rural e os mosteiros se tornaram peças fundamentais para o fortalecimento da região.

A Irlanda do século V é ainda pouco conhecida pela historiografia, por contar com poucas fontes sobre o período. As obras de São Patrício ganham ainda mais importância por esse motivo. Por meio delas podemos ter acesso a algumas informações sobre esse território nos séculos V e VI, contribuindo para entender as relações políticas, econômicas e culturais do Ocidente medieval.

Para entender o papel de Patrício na formação do imaginário irlandês que persiste até hoje, é necessário um aprofundamento bem maior do que o realizado neste trabalho, porém podemos perceber com a pesquisa que Patrício auxiliou no processo de cristianização e na construção da identidade religiosa do país.

Apesar disso seu nome não consta na lista dos que são considerados pais da Igreja, cristãos responsáveis por elaborar e sistematizar doutrinas que serviram de fundamento para a fé cristã.<sup>96</sup> Seu trabalho, no entanto, é essencial para o início da cristianização do território irlandês, um cristianismo extremamente forte nos dias de hoje, mas também, e ainda hoje, carregado de influências da cultura pagã ancestral na Irlanda.

Estudar o papel de Patrício na conversão do território irlandês ao cristianismo é fundamental também para perceber a importância da religião na relativa unificação desses povos e na consolidação do território da Irlanda como parte da Cristandade. Fica a tarefa árdua de procurar nas poucas fontes disponíveis vestígios que nos informem sobre isso.

---

<sup>96</sup> GONÇALVES; SANTOS, 2008, p.1.

## REFERÊNCIAS

### 1. Bibliografia

BASCHE, Jérôme. *A civilização feudal - Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Editora Globo S.A., 2005.

CAHILL, Thomas. *How the Irish saved civilization: the untold story of Ireland's heroic role from the fall of Rome to the rise of Medieval Europe*. London: Hodder and Stoughton, 1995.

CARLAN, C.U. As invasões germânicas e o Império Romano: conflitos e identidades no baixo império. *História: questões e debates*, Curitiba: UFPR, n. 48/49, 2008.

FABRI, Pierre. *Le grand et vrai art de pleine rhétorique*. 1521 apud MUHANA, Afdma Fadul. O gênero epistolar: dialogo *per absentiam*. *Discurso – Revista do Departamento de filosofia da USP*, nº31, p.329-346, 2000.

FREEMAN, Philip. *St. Patrick of Ireland - A biography*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2004.

GEARY, Patrick J., *O mito das Nações: A invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques; SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Os pais da Igreja e as obras de São Patrício: uma análise da cristianização da Irlanda. *Praesentia* 9, Goiás, Universidade Federal de Goiás, 2008.

HILLGARTH, J.J.; *Cristianismo e Paganismo 350-750: A conversão da Europa Ocidental*. São Paulo: Madras editora, 2004.

LE GOFF, Jacques. *As Raízes Medievais da Europa*. Petrópolis : Vozes. 2007.

\_\_\_\_\_, Jacques (Org.). *Homens e mulheres da Idade Média*. São Paulo : Estação Liberdade, 2013.

LEJEUNE, Philippe. *Autobiography and new communication tools in identity technologies : constructing the self online*. Wisconsin : The University of Wisconsin Press., p.247-258. 2014

LOPES, Matheus de Oliveira. *Relações de poder na Irlanda cristã (séculos V-VII)*. XXIII Encontro estadual de História. ANPUH. 2016

MACIEL, Sheila Dias. *A literatura e os Gêneros Confessionais*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/72631871/A-Literatura-e-os-generos-confessionais> acesso em 01/06/2018.

\_\_\_\_\_, Sheila Dias. Termos de Literatura Confessional em Discussão. *Revista Guavira on-line*, número 1, publicação do programa de pós graduação da UFMS, Campus Três Lagoas, pg. 24-30, 2004.

MUHANA, Afdma Fadul. *O gênero epistolar: dialogo per absentiam*. *Discurso – Revista do Departamento de filosofia da USP*, nº31, 2000, p.329-346.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. *As representações acerca da cristianização da Irlanda Celta do Século V nas cartas de São Patrício*. Rio Grande do Sul: ANPUH - XXIV Simpósio Nacional de História.2007.

\_\_\_\_\_, Dominique Vieira Coelho dos. A escravidão entre os celtas: reflexões a partir das cartas de São Patrício. *Alethéia - Revista de estudos sobre Antiguidade e medievo*, volume único, Janeiro/Dezembro, 2008.

\_\_\_\_\_, Dominique Vieira Coelho dos. *Representação de São Patrício e a cristianização dos irlandeses na “Vita Patricci” de Muirchú Mocu Machteni*. Goiânia: UFG, 2009.

\_\_\_\_\_, Dominique Vieira Coelho dos. *As múltiplas identidades de Patrício, um bretão-romano na Irlanda*. Natal: ANPUH - XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.

SILVA, Teresa Cruz e. Memória, história e narrativa. Os desafios da escrita biográfica no contexto da luta nacionalista em Moçambique. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Nº 106 - Memórias de violências: que futuro para o passado? p.133-152, 2015

SOARES, Carolline da Silva. O gênero epistolar na antiguidade: a importância das cartas de Cipriano para a história do cristianismo Norte Africano (século III D.C.). *Revista História e Cultura*, Franca, São Paulo, v.2, n.3 (especial), p.199-215, 2013.

## 2. Fontes primárias.

*Confesio. Royal Irish Academy.* Disponível em:  
<[https://www.confesio.ie/etexts/confesio\\_portuguese#01](https://www.confesio.ie/etexts/confesio_portuguese#01)>. Acesso em 13 abr.2018.  
(Tradução Dominique Vieira Coelho dos Santos)

*Epistola ad milites Corotici. 21. Royal Irish Academy.* Disponível em:  
<[https://www.confesio.ie/etexts/epistola\\_portuguese#](https://www.confesio.ie/etexts/epistola_portuguese#)>. Acesso em 13 abr.2018.  
(Tradução Dominique Vieira Coelho dos Santos)

### Declaração de autenticidade

Eu, Rhaianne Felinto Amaral, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *São Patrício e o cristianismo na territorialização da Irlanda* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.